

## Duas questões sobre canibalismo e rap

1. Em seu estudo sobre o rap, publicado em *Pragmatist aesthetics [Estética pragmatista]* (Oxford: Blackwell, 1992), o senhor recorre explicitamente ao conceito de canibalismo para descrever a estética de apropriação do rap e de como ele sampleia música pré-gravada e outros sons. Chega até mesmo a se referir, na página 203, aos primeiros rappers como “canibais musicais da selva urbana”. Qual tem sido a reação a esta caracterização do rap?

Na língua inglesa, “canibalizar” não apenas significa comer a carne humana mas também, de modo mais geral, denota a prática de tirar partes de uma coisa para acrescentá-las a outra, por exemplo quando alguém remove várias partes de um carro para juntá-las a outro veículo. Minha descrição do sampleamento no rap referia-se claramente a este significado simbólico, de canibalizar partes visando a criação de uma nova unidade musical. Nenhum dos leitores afro-americanos do livro (ou da crítica sobre rap que também escrevi para um fanzine dedicado ao gênero) jamais encarou de outro modo o emprego que faço do termo “canibalismo”. Jamais me acusaram de denegrir o rap, ao associá-lo àquilo que alguns denominariam o primitivismo das culturas canibais africanas.

Eu, porém, enfrentei essas críticas, formuladas por certos leitores brancos, profundamente preocupados com uma linguagem politicamente correta. Com efeito, os editores de *Critical Inquiry*, excelente revista que publicou um diálogo entre mim e outro crítico, insistiu para que me abstinêsse de usar o termo “canibalismo” em relação ao rap em meu novo artigo “Rap remix: pragmatism, postmodernism, and other issues on the House” [Rap: pragmatismo, pós-modernismo e outras questões na House]<sup>1</sup>. Argumentaram que seu uso sugere que a cultura do rap e suas fontes étnicas são primitivas e selvagens, que o termo “canibalismo” reforça tremendamente a identificação da cultura negra com a selvageria bárbara. Embora reconhecendo que eu estava defendendo o valor da canibalização musical do rap, eles permaneceram irredutíveis, afirmando que o uso do termo “canibalismo” transmitia uma valorização negativa, uma acusação colonialista e desdenhosa de brutalidade selvagem. Insistiram que seus leitores (basicamente acadêmicos brancos anglófonos) ficariam tão perturbados e induzidos em erro pelas horríveis conotações de canibalismo que minhas considerações positivas sobre o rap se diluiriam e que eu (quando não também a revista) facilmente poderia ser tomado por alguém que expressava pontos de vista racistas e colonialistas.

2. Quais foram as conclusões que o senhor tirou dessa reação? O que o canibalismo passou a significar para o senhor, como filósofo?

A primeira conclusão foi simplesmente prática. Dei-me conta de que os editores conheciam seus leitores americanos acadêmicos melhor do que eu. Se eu quisesse comunicar mais eficazmente minha mensagem àquele público, deveria evitar o termo “canibalismo”. Era fácil encontrar rodeios lingüísticos superficiais. Por exemplo, ao escrever para leitores americanos, em vez de me referir ao fato de que o rap canibaliza outros sons, simplesmente escrevi que o rap “se alimenta” de outros sons (ver meu estudo posterior sobre rap em *Practicing philosophy: pragmatism and philosophical life* [Praticando filosofia: pragmatismo e vida filosófica] (Nova York: Routledge, 1997). Claro que esta é uma resposta muito rotineira, não passa de uma solução cosmética para o verdadeiro problema relativo ao canibalismo: nossa reação superficial, cega, primitivamente visceral a ele, que expressa todo o primitivismo selvagem que projetamos sobre o próprio canibalismo.

Assim, além do projeto de policiar minha linguagem para os leitores americanos politicamente corretos, comecei a perceber que a filosofia poderia ser útil no sentido de lembrar às pessoas que havia uma variedade de significados para o canibalismo. Até mesmo no ato literal de comer carne humana há diferentes significados possíveis. Sabemos, por Diógenes Laércio, que os estóicos Zeno e Crísipo defendiam o ato de comer cadáveres sob “as forças das circunstâncias”, ou seja, quando não havia nada mais disponível para se comer. O ensaio de Montaigne sobre o canibalismo assinala outro significado da prática: “realizar uma vingança extrema” contra um inimigo derrotado, “assando-o e comendo-o”.

Podemos, porém, imaginar facilmente outro significado para a ingestão da carne humana: não apenas o mero uso de um cadáver humano com finalidades nutritivas, nem a vingança sobre um inimigo, mas a afirmação simbólica do humano pelo ato de se banquetear com ele. Não demonstramos nosso apreço e nosso desejo pelos seres humanos a quem amamos quando damos pequenas mordidas em suas orelhas, chupamos seus mamilos, suas línguas etc.? Alguns de nós ainda procuram provar toda a extensão de seu amor com um ato de completa ingestão (é claro que não de partes inteiras do corpo, ato que feriria o amante, mas pelo menos dos fluidos corporais). Aqui, engolir é mais um ato amoroso de plena rendição e feliz abandono do que o agressivo desafio da vingança.

Será que o ritual da Eucaristia não exprime a mesma ingestão amorosa do divino corpo de Cristo? Será, então, que o canibalismo também poderia ser temido por ameaçar a adoração (e o ato de comer) ao ser superior? Se reverenciamos o corpo humano, por que haveríamos de preferir enterrar nossos cadáveres, que irão alimentar vermes e larvas desprezíveis, a honrá-los como fonte de nutrição para formas humanas nossas companheiras? Há muito tempo Montaigne compreendeu que o conceito de canibalismo suscita muitas questões provocativas, que merecem uma reflexão mais esclarecida e imaginativa. No entanto, nossa tradição teimosa de reagir ao canibalismo por meio de um estremecimento visceral, irrefletido, de repulsa condenatória, parece permanecer tão cegamente primitiva quanto o canibalismo que ele detecta.

*Richard Shusterman. Traduzido do inglês por Carlos Eugênio Marcondes de Moura.*

1. *Critical Inquiry*, n.22 (1995), p.150-158